



SUBJETIVIDADE E ALTERIDADE NAS TEIAS LITERÁRIAS DE
PATATIVA DO ASSARÉ: TRAÇOS DE UM ETHOS E UMA ÉTICA
DA RESPONSABILIDADE

SUBJECTIVITY AND ALTERITY IN THE LITERARY TISSUES OF
PATATIVA DO ASSARÉ: TRACES OF AN ETHOS AND ETHICS
OF RESPONSIBILITY

Marcelo Feitoza Muniz¹

RESUMO

Este texto tem a pretensão de expor uma reflexão acerca da relação de subjetividade e alteridade presentes na poesia de Patativa do Assaré e, a partir dessa relação, apresentar e refletir sobre os pressupostos que nos permitem pensar o Ethos e uma Ética a partir de sua obra. O presente texto pauta-se em um método fenomenológico, no qual, por meio de um recorte bibliográfico realizamos uma análise dos textos, artigos, livros e, sobretudo, da poesia de Patativa do Assaré e a apresentação do Ethos de vida apresentado pelo bardo citado. Para tanto, apoiaremos nos conceitos de Subjetividade e Alteridade apresentados por Emmanuel Levinas e no conceito de Ethos e Ética apresentado por Lima Vaz. Inicialmente, podemos afirmar que a poesia Patativa nos oferece subsídios para pensar um Ethos que se enraíza e se forma no chão seco, na Terra, no Oikos do Homem Sertanejo onde este constrói a sua subjetividade. Portanto, a Poesia de Patativa, não apenas apresenta a formação da subjetividade do homem em suas relações mais essenciais de sensibilidade como, também, se torna o testemunho profético anunciando o Outro sofredor que interpela o compromisso e a responsabilidade Ética do Mesmo.

Palavras-chave: Ética. Ethos. Subjetividade. Alteridade. Patativa do Assaré.

ABSTRACT

This text intends to expose a reflection on the relationship of subjectivity and otherness present in the poetry of Patativa do Assaré and, from this relationship, present and reflect on the assumptions that allow us to think about Ethos and an Ethics based on his work. The present text is based on a phenomenological method, in which, through

¹ Graduado em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF) e Graduado em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: marcelofeitozamuniz2@gmail.com.

a bibliographic clipping, we analyze the texts, articles, books and, above all, the poetry of Patativa do Assaré and the presentation of the Ethos of life presented by the aforementioned bard. Therefore, we will support the concepts of Subjectivity and Alterity presented by Emmanuel Lévinas and the concept of Ethos and Ethics presented by Lima Vaz. Initially, we can say that the poetry of Patativa offers us subsidies to think about an Ethos that takes root and is formed in the dry ground, on Earth, in the Oikos of Homem Sertanejo, where he builds his subjectivity. Therefore, Patativa's Poetry not only presents the formation of man's subjectivity in its most essential relations of sensibility, but also becomes the prophetic witness announcing the suffering Other who challenges the commitment and the Ethical responsibility of the Same.

Keywords: Ethic. Ethos. Subjectivity. Otherness.

Introdução

Percebemos que entender a Ética é compreender o *Ethos* de cultura e de saber de um determinado povo. Para esta realização não podemos nos limitar a acreditar que Ética só se fundamenta e só é possível ser pensada no Panteão da Filosofia. Reduzirmos, portanto, o estudo filosófico da Ética a um determinado grupo intelectual ou acreditar que somente as produções de saberes dos ditos “filósofos de gabinete e de carteirinha” é assumir uma postura reducionista, excludente e preconceituosa acerca do *ethos* de um povo.

Se, de fato, a Filosofia é amante da sabedoria como se afirmava na Grécia Antiga e se a Filosofia Metafísica tem sua gênese com uma poesia de Parmênides há dois mil e quinhentos anos atrás, negar que é possível elaborar uma Ética e um pensamento racional e filosófico a partir do pensamento de um poeta ou de um literato, é afirmar que o amor assumido por esta Ciência é condicionado, excludente e seletivo. É negar a capacidade da Filosofia de enfrentar os desafios da pesquisa na busca por enamorar o seu objeto de saber em diferentes espaços de saberes.

Portanto, percebemos que é possível e fundamental que a pesquisa filosófica saia do Castelo e do Panteão do academicismo e perceba que os campos e as periferias também oferecem subsídios para construção de uma pesquisa e de um estudo filosófico. Dessa maneira este texto pretende propor e apresentar outros campos, ditos “não-acadêmicos”, mas que podem levar a elaboração de um pensamento filosófico.

Outro elemento importante que levantamos nesse texto é a necessidade de se pensar uma Ética centrada não na figura do Eu, mas, sobretudo, uma Ética que coloca o Outro como centro das preocupações. Portanto, uma Ética marcada pela responsabilidade pelo Outro.

Nesse sentido, este texto pretende olhar para o sertão trazido na poesia de Patativa do Assaré. Este poeta nasceu na Serra de Santana, povoado localizado na cidade do Assaré à 520 Quilômetros de Fortaleza. É nesse espaço, marcado por segredos, mistérios, alegrias e sofrimento, um lugar de gozo de vida onde este homem realiza-se, construindo sua poética a partir de sua leitura de mundo. Nesse *Ethos* de Vida a sua visão, a sua subjetividade vai sendo expressa em forma de rimas, de poesia, vai, aos poucos, aparecendo uma Filosofia de Vida construída a partir da vivência do homem na sua Gaia, na sua terra, no seu Sertão. Esta poética é o fruto da Gaia Sertaneja que vai dando sentido a existência e a sensibilidade desse homem. Uma poética que assume um caráter testemunhal e que, a partir dela, é possível traçar elementos de similaridade com a Filosofia de Emmanuel Levinas. A perspectiva Humanista, a compreensão de uma Ética da Responsabilidade centrada no Outro e em uma relação intersubjetiva com o Mesmo são elementos que os toca e que abordaremos neste texto.

O sertão como *Oikos*: formação de uma subjetividade

O Sertão em Patativa do Assaré não é apenas um cenário, um pano de fundo, um lugar ilustrativo, todavia o Sertão pode ser visto como o *Oikos*² de vida. É a casa do homem, é o lugar de vida e de relação com os outros. É nesse lugar onde o homem sertanejo constrói sua subjetividade formada nas relações de vida, numa vida empoeirada no terreno de terra batida e estorricada da seca, um terreno que é expropriado do sertanejo pelo latifundiário, mas é, ainda, um espaço de vida, de riqueza, de encantamentos, de festa, de alegria, de gozo, de subjetividade, de sentimentos.

É a sabedoria de vida do poeta que o permite falar de sua terra e fala porque ele a experienciou e a vivenciou. Este saber, segundo Lima Vaz, corresponde ao

² A expressão em Grego *Oíkos* (*Oikos*), etimologicamente, significa habitação, casa, bens domésticos, família. (*OIKOS* in PEREIRA, 1976).

“sentido primitivo do termo grego *sophia*, da qual o ‘sábio’ (*sophos*) é o portador” (1999, p. 51). Patativa, portanto, em sua narrativa coloca-se como este portador, esse mensageiro e o faz porque vivenciou o sertão em sua realidade mais cruel e dolorida. É esta experiência o atributo que o permite falar de sua casa, destaca o poeta:

Pra gente cantá o sertão,
Precisa nele morá,
Tê armoço de feijão
E a janta de muncunzá,
Vivê pobre sem dinhêro
Trabaiando o dia intêro,
Socado dentro do mato,
De apargata currulepe,
Pisando inriba do estrepe
Brocando a unha de gato (ASSARÉ, 2014, p. 26).

É a experiência do trabalho, da vida concreta do homem neste espaço que o faz pensar e refletir sobre sua vida e os problemas que a perpassam. É por meio da linguagem, do discurso poético que o poeta dar voz as suas experiências de vida, a sua sensibilidade, a sua subjetividade. Uma subjetividade que deve ser falada por este Outro sertanejo e não por um Mesmo que não vivenciou esta realidade. Podemos afirmar que o poeta, de certa forma, faz uma crítica à narrativa elaborada pelos poetas da cidade que trazem uma representação do homem sertanejo, todavia, o representam a partir da cidade, desconsiderando, poderíamos afirmar, o rosto e a voz do homem sertanejo, falada e contada na primeira pessoa. Contada pelo Outro.

Há, em Patativa, uma preocupação em relação à narrativa feita pelos homens da cidade sobre o sertão. Trata-se, segundo ele, de uma “rima polida”, marcada por formas estéticas difíceis de ser compreendida, uma poesia que nasce no salão da cidade, mas que, de certa forma, não narra o sertão profundamente. Destaca nosso poeta no poema *Cante lá que eu canto cá*:

Você teve inducação,
Aprende munta ciência,
Mas das coisa do sertão
Não tem boa esperiência.
Nunca fez uma paioça,
Nunca trabaiô na roça
Não pode conhece bem,
Pois nesta penosa vida
Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem.
[...]
Sua rima, inda que seja

Bordada de prata e de ôro,
Para a gente sertaneja
É perdido este tesôro.
Com o seu verso bem feito,
Não canta o sertão direito,
Porque você não conhece
Nossa vida aperreada.
E a dô só é bem cantada
Cantada por quem padece (ASSARÉ, 2014, p. 25-26).

O sertão precisa, principalmente, ser contado por quem passou pela experiência e pela sabedoria de vida sertaneja. Sobre este aspecto, Emmanuel Levinas (1980, p. 52), chama atenção para esta mesma necessidade da linguagem. Um discurso contado pela primeira pessoa, pelo outro. Para Levinas, segundo Maria Bernardete (2000), há uma distinção entre o conhecimento objetivo e o conhecimento metafísico. Enquanto o conhecimento objetivo, pode ser compreendido como o desvelamento elaborado pelo Mesmo, um desvelamento contado pelo sujeito (Kath Ego), um conhecimento no qual submete a sensibilidade ao entendimento. Em contrapartida, no conhecimento metafísico (Kath Autó) o Outro não é desvelado e nem interpretado pelo Mesmo, mas consiste em exprimir-se, em deixar que o Outro possa falar, que ele apresente-se por si próprio a nós. Destaca Emmanuel Levinas (1980, p. 52):

A manifestação do Kath Autó consiste para o ser em dizer-se a nós, independentemente de toda a posição que teríamos tomado a seu respeito, em exprimir-se. Assim, contrariamente a todas as condições da visibilidade de objetos, o ser não se coloca à luz de um outro, mas apresenta-se ele próprio na manifestação que deve apenas anunciá-lo.

Assim, é por meio dessa fala que o Outro revela o seu sentido e o seu significado. Este sentido, portanto, não se trata de um conceito elaborado pelo Mesmo mediante uma representação sobre o outro, todavia, é uma revelação que “é dita e ensinada pela presença do outro” (LEVINAS, 1980, p. 53).

Por outro lado, esse processo de revelação do Outro por meio da Linguagem não é uma experiência totalizadora no sentido de que, a partir dela, é possível compreender o ser do outro. Este outro, tanto para Levinas como para Patativa não pode ser compreendido em sua totalidade, não pode ser revelado totalmente. O outro esconde um mistério em que a linguagem e, neste caso, a poética patativana não é capaz de revelar, afirma o poeta:

Sertão, arguém te cantô,
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Munto te prezo, te quero
E vejo que os teus mistero
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Que o poeta canta, canta,
E inda fica o qui cantá (ASSARÉ, 2014, p. 21).

Este Outro e, neste caso, o *Oikos* do sertanejo, mesmo sendo o espaço de morada, não pode ser revelado totalmente. Mesmo o poeta afirmando-se enquanto intérprete do Sertão; o Sertão, o Outro esconde seus segredos, seus mistérios, a sua intimidade. O Outro é infinito.

O sertão, tal qual o *Oikos* Espiritual do Homem, é o espaço de fruição. É neste espaço onde o sertanejo mora e ver o mundo. É aqui em que o sertanejo realiza o movimento que Levinas chama de involução, de retorno a si mesmo para viver sua intimidade no lar. Mas para viver a sua subjetividade, este sertanejo necessita dos conteúdos que vai garantir a sua existência. Esse sertanejo precisa comer, trabalhar e por isso sai de sua choupana, de sua palhoça e vai para roça, no seu trabalho, com seus filhos para manter esses conteúdos. Como fala Levinas (1980, p.96), esses conteúdos marcam a vida e a sensibilidade. É o gozo e a fruição do sertanejo. Este é o primeiro movimento, um movimento para manutenção do gozo e da vida do sertanejo. É neste movimento de acolhimento na casa em que o “Eu dispõe dos meios para o trabalho e a posse, pelos quais torna-se senhor do mundo” (PAULA, 2000, p. 116). É o desejo de gozo para manutenção da sua subjetividade, percebemos isso nos versos desse poeta:

Vem matar o teu desejo
Aqui, onde o sertanejo,
Fruindo um prazer sobejo,
Não sente peso da cruz,
E onde a lua cor de prata,
Linda, majestosa e grata,
Esconde por sobre a mata
Sua toalha de Luz (ASSARÉ, 2014, p. 334).

Todavia, como destaca Patativa, a vida não é apenas gozo é também padecimento, a vida é marcada por “ispinho e fulô”. Mesmo sendo o *Oikos* do Sertão um espaço de beleza, de alegria, de felicidade, de vida, é, também, um espaço de

sofrimento. A saída da casa e do seu acolhimento é um movimento doloroso, perceberemos este aspecto nos versos abaixo:

Saí do meu paraíso
Porque na vida é preciso
Gozar e também sofrer (ASSARÉ, 2001, p. 31).

Podemos comparar essa saída de um espaço que, segundo o próprio poeta é reconhecido como o paraíso, como uma experiência de dor. Segundo Levinas (1980), esse movimento pode ser considerado como a saída da casa, do meu conforto, do meu aconchego em direção ao desconhecido. Uma saída que não é uma simples aventura, mas sim, uma saída para o mundo em busca da manutenção do desejo de fruição, almejando voltar para o seu *Oikos* e fruir em sua intimidade. Essa relação está bem presente nos versos do poema Triste Partida, destaca Patativa:

Nós vamo a São Palo, que a coisa tá feia
Por terras aleia
Nós vamos vagá.
Se o nosso destino não for tão mesquinho,
Pro mermo catinho
Nós torna a vortá (ASSARÉ, 2014, p. 90).

Neste caso citado, o fenômeno da migração aparece como essa saída em que, sem condições de manter a sua fruição no Sertão, o sertanejo migra para terras estranhas e desconhecidas. Todavia, com o desejo de retorno, um retorno à sua intimidade, ao seu lar, a sua casa, ao seu Sertão, ao seu *Oikos* Espiritual.

Portanto, a subjetividade em Patativa do Assaré, mesmo não conhecendo o filósofo da Lituânia Emmanuel Levinas, há elementos de aproximação. Tanto Levinas quanto Patativa compreendem a necessidade de fala e de expressão do Outro. Reconhecem que o discurso emitido pelo Mesmo sobre o Outro é, talvez, um polimento estético que reduz o Outro à uma interpretação e representação do Mesmo. Ambos enfatizam a subjetividade em sua condição primeira de sensibilidade. Para eles, a subjetividade se forma na relação de fruição, de gozo de vida que se dar, em um primeiro momento, no recolhimento da casa, no caso de Patativa, podemos afirmar que esta casa é o próprio sertão.

Elementos de uma alteridade: o outro no discurso poético de Patativa

É certo que os traços da subjetividade sertaneja no discurso de Patativa se dar no chão do seu Sertão, mas este sertanejo, este Outro, narrado em primeira pessoa pelo poeta não se encontra fechado no Mundo. Assim como para Emmanuel Levinas a casa possui portas e janelas voltadas ao mundo, em Patativa, o sertão também possui suas janelas e é deste espaço em que o Outro é percebido. Mas quem é este Outro trazido nos versos de Patativa do Assaré?

Na poética patativana, podemos afirmar que ele elabora mais que uma narrativa sobre sua experiência de vida. Sua poética não é uma simples narração é mais que isso, trata-se de um Testemunho. É o sertão e o sertanejo testemunhado pelo próprio sertanejo, pelo Outro. É a voz do Outro, silenciada pelos discursos, mas que na poesia-testemunho de Patativa ganha voz, mostra-se seu rosto. Como afirma Plácido Cidade Nuvens (1995, p. 38) a poesia de Patativa assume uma “dimensão estética do documento/depoimento/testemunho de Patativa compreende uma elaboração tipificada da realidade circundante a partir da refinada sensibilidade do poeta”.

O Testemunho (Cf. MELO, 2003, p. 163), segundo Emmanuel Levinas, não pode ser compreendido como um conceito objetivo e cristalizado, contudo, o Testemunho para este filósofo lituano corresponde a uma resposta que o Mesmo diz aos apelos feitos pelo Outro. Para isso é importante compreender essa relação, marcada por uma complexidade entre o Dito e o Dizer no pensamento Levinasiano. Podemos afirmar que o Dito do Testemunho é a resposta: eis-me aqui, que não pode ser estática e fossilizada no tempo, mas sim, é constantemente interpelado à Dizer-se o Dito. Desta maneira o testemunho do Dito pode ser compreendido como o assumir com autenticidade, com sinceridade, com verdade aquilo que foi Dito: “Eis-me aqui”. Pois, como afirma Melo (2003, p. 143) o Testemunho do Dizer pode ser compreendido como “uma atitude extrema de obediência à ordem e na certeza de que essa ordem nunca foi representada”. É uma ordem que se dar a partir da responsabilidade questionada pelo rosto do outro. Podemos perceber este apelo nos versos abaixo do bardo caririense:

Quando ele inconta um sujeito
Que é de sua mesma laia,
Fica munto satisfeito
Fala contente e gargaia,
Mas de pobre não faz conta,
Quando a pobreza inconta
Se aborrece e se incomoda,
Seu orgúio inda mais cresce,
Comparando bem parece
Um peru fazendo roda (ASSARÉ, 2014, p. 284).

Este encontro com o Outro desestabiliza o Mesmo. Se o Mesmo assume uma postura de gargalhar, de sorriso, de contentamento diante daquele que lhe é próximo; quando chega este Outro e, neste caso, Patativa enfatiza que não é um Outro igual ao Mesmo, mas um diferente; o Mesmo sente-se incomodado, interpelado. Esse encontro desestabiliza as estruturas do Ego e o faz questionar o seu próprio orgulho diante daquele que sofre e que exige uma resposta.

Ao mesmo tempo, notamos que a poesia de Patativa do Assaré assume também um caráter de Testemunho Profético. De acordo com Levinas o Profetismo seria essa postura onde o sujeito, por meio do testemunho, faz-se responsável pelo anúncio em nome do Outro (Cf. MELO, 2003, p. 143). Sobre o caráter profético do testemunho, Nélcio Vieira de Melo afirma que “o profetismo é tomado como modalidade do testemunho no qual o autor da inspiração não procura desvendar o mistério do vestígio e faz-se autor responsável por aquilo que anuncia, em nome do outro: eis-me aqui” (MELO, 2014, p. 143).

Em Patativa, ao mesmo tempo em que o poeta afirma-se como sendo o Outro que fala da sua experiência de vida e sente-se negado pela a voz do Mesmo. Isso fica nítido nas falas em primeira pessoa do poeta, ele, ainda, assume a postura profética ao falar em nome dos Outros que padecem, assim como ele, as dores e as mazelas da injustiça. Ele faz do seu verso um instrumento de responsabilidade por fazer que os apelos dos Outros sejam atendidos, notamos isso no poema abaixo:

Eu canto o mendigo de sujo farrapo,
Coberto de trapo e mochila na mão,
Que chora pedindo o socorro dos home,
E tomba de fome sem **casa** e **sem pão** (ASSARÉ, 2014, p. 21).

A falta de casa e de pão é algo muito recorrente na poesia de Patativa que marca uma preocupação com as condições primárias de sensibilidade. A casa e o pão

são elementos, segundo Levinas (1980, p. 96), essenciais para a formação de uma subjetividade. O sujeito sem casa e sem pão é um sujeito sem intimidade.

Mas quem é este Outro cujo testemunho profético de Patativa apresenta? No poema: Seu dotô me conhece? aparecem claramente os Outros dos quais a poesia/testemunho de Patativa nos fala. Neste poema, o título já traz em si um questionamento forte: se me conhece? É uma indagação profunda e abala, de certa maneira, os conceitos e definições que o Mesmo elabora sobre o Outro. No fundo, poderíamos arriscar que esta pergunta indaga sobre o primado da Ontologia nas relações intersubjetivas e o coloca em questão. Pois, antes de saber quem é poeta, este poeta vive e sofre uma realidade que só pode ser testemunhada por quem a padece. Ao mesmo tempo, o poeta deixa, nesse poema, o convite ao “dotô” para conhecê-lo a si e os Outros por ele testemunhados. O Outro que se manifesta no rosto do matuto, do camponês, do agregado, do reservista que morre no estrangeiro, do sertanejo eleitor, do mendigo, do migrante, do operário, do roceiro, são os Outros que aparecem no testemunho de Patativa do Assaré.

O ser do Outro e dos Outros não é dito pelo poeta, sua preocupação, primeiramente, não é com a Ontologia, mas com a Ética. Sua preocupação se dar em primeiro nível de sensibilidade: a fome. A fome do outro e necessidade de abrigo manifestada nesses outros já mencionados trata-se da preocupação Patativana. Uma manifestação que é falada pelo próprio rosto do Outro:

Que tristeza, que mágoa, que desgosto
Sente a pobre mendiga pela rua!
O retrato da dor no próprio rosto
Como é dura e cruel a sorte sua!
Com o corpo mirrado e mal composto,
A coitada chorosa continua
A pedir, pelas praças da cidade:
“Uma esmola senhor por piedade!” (ASSARÉ, 2014, p. 45).

Esse é o olhar suplicante, de quem está privado de tudo e encontra-se em uma situação assimétrica em relação ao Mesmo, mas que exige deste um eis-me aqui. Um pedido que está expresso no rosto. Este aspecto podemos comparar com aquilo que Emmanuel Levinas chama de Epifania do Rosto, na qual:

O olhar que suplica e exige – que só pode suplicar porque exige – privado de tudo porque tendo direito a tudo e que se reconhece dando [...] esse olhar é precisamente a epifania do rosto. A nudez do rosto é penúria. Reconhecer

outrem é reconhecer uma fome. Reconhecer Outrem – é dar. (LEVINAS, 1980, p. 62).

É a nudez do Outro que é testemunhado na poesia de Patativa e é a partir dela que o apelo é feito. Um apelo que não anula e nem muito menos tem a pretensão de mostrar-se como oponente, inimigo ou obstáculo ao Mesmo. O Outro se mostra desarmado e em uma condição de fragilidade suplicante. Ele pede apenas piedade e que o Mesmo assuma sua responsabilidade e busque recursos para ajudá-lo.

Por fim, há ainda em Patativa do Assaré outra relação de Alteridade que se dar com o Transcendente, neste caso, Deus. Embora o poeta apresente alguns atributos de Deus que se manifesta na sua experiência de Deus como bondade, Sumo Bem, Divina Providência, Divino Mestre, Onipotente, Criador, dentre outros, tratam-se apenas de atributos, de características do Divino reconhecidas pelo poeta e não a sua definição ou conceituação. Para Patativa, Deus é Mistério Infinito, é Enigma do qual não é capaz de decifrar. Sobre o caráter indizível de Deus destaca o poeta:

Deus é força infinita
É o espírito sagrado
Que tá vivendo e parpita
Em tudo que foi criado
Não há quem possa conta
É assunto que não dá
Pra se dizer no papé
Não insiste professô
Nem sábio, nem inscrito
Pra saber Deus cuma é.

Apenas se tem certeza
Que ele é santa verdade
E é subprime grandeza
Em bondade e divindade (ASSARÉ, 2001, p. 88).

Nesse sentido, há uma profunda relação entre Levinas e Patativa do Assaré em relação à compreensão de Deus. Ambos O compreendem como sendo o totalmente Outro. O transcendente que não pode ser assimilável e fechado em um conceito. Ele transcende qualquer representação. Segundo Levinas, a impossibilidade de qualquer elucidação de Deus se dar, não pela limitação da nossa capacidade racional, porém, pelo fato que “essa relação com o infinito respeita a Transcendência total do Outro sem se deixar enfeitiçar” (LEVINAS, 1980, p. 64). Assim, essa ideia de Deus invisível e Mistério apresentado tanto por Levinas como por Patativa, não pode ser tomado como um Ser ausente das experiências de sentido do Homem. Ao

contrário, sua presença palpita, vive e encontra-se presente em tudo que foi por Ele criado. O que não se pode é fazer tematização lógica e conceitual sobre Deus. Pois, Deus só pode ser compreendido, segundo Levinas e Patativa, nas relações éticas. No rosto do outro e na minha relação de bondade e amor, reconhecendo-me enquanto responsável pelo outro é que a ideia de Deus é manifestada, não como conceito, mas como ação de amor e de bondade.

Traços de um *ethos* sertanejo e de uma ética da responsabilidade na “*po-ética*” patativana

O *Ethos*, de acordo com Lima Vaz, é o objeto de estudo da Ética. Contudo, antes de ser estudado, este é vivido, é experienciado na vida por meio das relações intersubjetivas do homem. Na poética Patativana podemos falar de um *Ethos* Sertanejo, fruto de uma sabedoria de vida e uma forma de ver o mundo que nasce “inriba” de um chão maltratado, todavia, é neste mesmo chão que a vida sertaneja acontece. O sertão é sua Gaia que o acolhe, onde o sertanejo vive sua intimidade e seu gozo. Nesse sentido, “o Ethos é o ponto de partida para compreender o fundamento do *Humanum*, ou seja, ele é como o alicerce que sustenta o humano como fonte borbulhante e dinâmica, não-estática” (DUSSEL apud OLIVEIRA; BORGES, 2008, p. 14). Trata-se da morada do homem onde realiza a sua vida.

Na poética patativana o *Ethos* sertanejo é lugar de morada e vivência da intimidade. Para Plácido Cidade Nuvens (1995, p. 40), na poesia de Patativa o sertão é visto como um espaço bonito, misterioso, luminoso, um espaço de tradições, traz uma inocência estampada nas brincadeiras populares, um espaço de sofrimento, um espaço paradoxal, contraditório, vingativo, é fonte de inspiração, é solidário, é desconhecido, marcado por superstições, é desconfiado e conformado, é atraente, é paradisíaco, é silêncio, é nostálgico e é resistente. Configuram-se, portanto, elementos constitutivos e característicos desse sertão narrado na poética Patativana e experienciados na sua vida.

A compreensão de mundo elaborada por Patativa do Assaré faz-se a partir da leitura do livro da vida e de sua experiência de vida. Nos seus enredos, as histórias são vividas por personagens viventes de uma realidade cruenta, dolorosa, miserável e sofredora. Patativa torna-se o testemunho participante e apresenta os Outros

esquecidos, desprezados, marginalizados e apagados do Livro da Vida elaborado pelos outros escritores. No seu livro, a suas páginas são sombreadas pela fome, apela para as instituições olharem esse outro esquecido, marginalizado, desprezado, onde até sua casa fora furtada por um Mesmo arrogante e orgulhoso que se fecha aos apelos e aos rostos suplicantes e cadavéricos de um sertanejo pobre.

A sua *Po-Ética* testemunha o seu rosto e o rosto de seu irmão. Seu objetivo é apresentar este rosto sofrido ao Mesmo. E, ao realizar este movimento de apresentação do rosto interpelar, questionar o Mesmo acerca de sua responsabilidade para com este Outro que sofre. Uma responsabilidade que, assim como Emmanuel Levinas, em Patativa essa responsabilidade e a defesa do Outro é algo fundante da existência humana, está inscrita no ser humano, afirma o poeta:

Ninguém vem contrariá
A mim, o Chico Braúna
Não precisa Deus mandá
Que a humanidade se una
Pois todos tem cunciêça
Tem o dom da intiligêncã
Por direito e gratidão
Todos tem de **obedecê**
Cada um tem o devê
De defender seu irmão (ASSARÉ, 2001, p. 91).

Nesta fala entre os personagens, o poeta reconhece a responsabilidade como um mandamento “Todos têm de obedecê”. Trata-se de um Mandamento Ético no qual podemos destacar a similaridade com a pressuposição da ideia de responsabilidade pré-original destacada por Emmanuel Levinas (Cf. PAULA, 2000, p. 231). Uma responsabilidade que não se trata de uma escolha do Mesmo, não é o Mesmo que escolhe ser responsável pelo Outro, mas a existência do Outro já o torna seu responsável. Nesse sentido, tanto para Levinas quanto para Patativa, a responsabilidade não é uma escolha, mas um mandamento Ético. Esse mandamento está presente naquilo que Levinas coloca como o fundamento da Ética da Alteridade: “Não matarás!”.

A morte do Outro é sua nadificação, pois ao tirar a vida do outro o retira de uma relação de intersubjetividade com o Mesmo. Esse interdito do não-matar põe limites aos meus poderes, ao meu absolutamente Eu e coloca-me como responsável por esse outro. Essa omissão diante da responsabilidade Ética está presente no poema: *A Morte de Nanã*. Nesta poesia, cujo enredo traz a figura de uma menina, cujo pai

sertanejo e agregado, em um cenário de seca, apela ao seu patrão o socorro, apela o “Eis-me aqui” do patrão. Todavia, mergulhado no seu egoísmo, o patrão fecha as portas de seu *Oikos* para não ver a dor e o padecimento sofrido pelo agregado. Essa omissão resulta na morte dramática da *Menina Nanã*. Chama-nos atenção no poema a figura do rosto. Em momentos o rosto da filha, do pai e da mãe, rostos que representam o Outro suplicante e que apela ao patrão seu comprometimento ético, que os enxergue e que assuma o Eis-me aqui! Sobre este abandono percebemos nos versos a seguir:

Por ali ninguém chegou,
Ninguém reparou nem viu
Aquela cena de horrô
Que rico nunca assistiu,
Só eu e minha muié,
Que ainda cheia de fé
Rezava pro Pai Eterno,
Dando suspiro maguado
Com o seu rosto moiado
Das águas do amô materno.
[...]
Naná foi, naquele dia,
A Jesus mostra seu riso
E omentá mais a quantia
Dos anjos do Paraíso.
Na minha imaginação,
Caço e acho expressão
Pra dizê como é que fico.
Pensando naquele adeus
E a culpa não é de Deus
A culpa é dos home rico (ASSARÉ, 2014, p. 41-43).

Nesse cenário vivo e vivente, a face da criança com fome representa a face do outro que apela, em um primeiro momento, para os seus pais por comida. Os pais apelam ao seu patrão que, diante o egoísmo, fecha as portas do seu *Oikos* para não ver o Outro. A face da mãe é emblemática, o rosto é molhado de lágrimas, as lágrimas do amor materno. Esse amor pode ser compreendido como aquilo que Emmanuel Levinas (1980, p. 137) chama de feminino da casa, é o afeto, é o calor humano, é a sensibilidade diante da nadificação do Outro que se dar por meio da morte da menina.

Por fim, o poeta na sua poesia reconhece o rosto daquele que foi o responsável pela morte da menina Nanã. O seu patrão, aquele que não foi capaz de sair do seu comodismo, de sua casa, do seu eu e olhar para o outro que sofre. A dor na casa do

outro não foi percebida. Trata-se aqui da omissão diante do mandamento ético: Não Matar.

Outro elemento destacado é o apelo da Mãe ao Divino Pai Eterno. Segundo Plácido, esse aspecto configura-se a face do Humanismo Cristão elaborado pelo poeta. Nesse Humanismo Patativa constrói seu discurso *Po-Ético* a partir de uma Ética Cristã, nela, os sentimentos de justiça, o desejo por uma igualdade e o sonho por dias melhores são trazidos na sua trajetória poética. (Cf. NUVENS, 1995, p. 18).

A partir desse Humanismo Cristão esboçado nos versos do poeta do Assaré, podemos traçar uma aproximação com o Humanismo Levinasiano. Em Levinas, a Ética da Alteridade se dar ao resgatar o Humano do Homem sustentada nas relações de sensibilidade. Este filósofo retoma um princípio básico da Ética: o amor pelo outro. Amar o próximo esse é o Mandamento Ético e, talvez, o motor das relações Éticas levantadas tanto por Patativa do Assaré como por Levinas. Nessa compreensão Humanista, o outro não é visto como inimigo, mas como meu Libertador. É o Outro quem ensina-me a desprender-me do meu egoísmo, do meu castelo murado pelas paredes de egoísmo e leva-me, impulsiona-me atento e disponível aos apelos daquele que clama fora do meu castelo. Leva-me a abrir as portas do meu Oikos para enxergar quem bate e colocar-me disponível.

Assim, nessa perspectiva, na Ética de Levinas e no discurso *Po-Ético* de Patativa do Assaré podemos afirmar que ambos resgatam o sentido do Outro e a face do Outro na construção de uma relação Ética. Nesse Estatuto da Alteridade requer olhar o rosto do outro e, nesse caso, o outro não é um igual a mim, um outro eu, pelo contrário, é o diferente, é o pobre, a viúva, o órfão, o imigrante, o sertanejo, o agregado, o pobre, o mendigo e tantos outros que sofrem e padecem no anonimato, no esquecimento absoluto e no abandono total de um Mesmo. Esse é o fundamento da Ética da Alteridade apresentada pelo filósofo Emmanuel Levinas e o elemento fundante da construção *Po-Ética* de Patativa do Assaré que, embora não construa um sistema Ético, mas toca em elementos de grande relevância para se pensar as relações de Subjetividade e Alteridade presentes na Ética da Alteridade abordada por Emmanuel Levinas.

Considerações Finais

A poesia do poeta Patativa do Assaré é a voz do Outro que traz em sua poética os nuances do rosto sofrido, miserável, maltrapilho, imigrante, sofredor, faminto, agregado, órfão, mendigo, sertanejo, pobre, trabalhador, roceiro e tantos outros rostos silenciados e ignorados por um discurso sustentado no Mesmo que fala, que reduz o Outro ao seu conceito, à sua ideia, à sua representação. Uma representação que, em muitos casos, distorce a imagem do outro. Uma fala vazia, às vezes como fala nosso bardo, uma fala polida, estética, uma fala envernizada pelo verniz da eguidade do Mesmo que tampa o rosto do Outro e que não o deixa exprimir-se, falar de si, mostrar seu rosto e soltar sua voz em primeira pessoa.

Patativa do Assaré elabora um pensamento que “brota” do *Ethos* de Vida, um saber ético sustentado nas suas relações de sensibilidade. Não faz um sistema Ético. Não podemos afirmar que ele elabora uma Ética tal qual a compreensão de Ética elaborada na Modernidade, todavia, não podemos descartar o seu saber ético, a dimensão de subjetividade e os traços de uma alteridade trazida por este poeta e destacados nesse texto.

O *Ethos* Sertanejo, esboçado na poética de Patativa do Assaré nasce da terra, da experiência de vida em um solo que esconde seus mistérios, suas belezas, seus encantamentos, mas também, sua poética escancara as mazelas enfrentadas por esse Outro esquecido. Sua poesia traz a fulô com seus encantamentos, mas também mostra seus espinhos e, nesse quadro de um “Ethos Sertanejo” a “fulô e o espinho” são as marcas de uma formação subjetiva do Homem.

Podemos afirmar, também, a aproximação do pensamento de Emmanuel Levinas com a poética Patativa. Ambos destacam a responsabilidade pelo Outro como fundamento das relações e, nesse caso, falamos das relações éticas. Ambos olham para as relações humanas e, portanto, suas relações éticas em um nível primeiro de sensibilidade. Resgatam o verdadeiro sentido do *Humanum*, com suas necessidades e seus desejos primeiros. Ambos afirmam a necessidade da casa como espaço de fruição e manutenção do gozo de vida, mas destacam a presença do outro. No caso de Levinas, o Outro falado em terceira pessoa, em Patativa o Outro falado em primeira pessoa, vivido e testemunhado no discurso poético do “sophos” do Cariri.

Portanto, a poética patativana afirma-se como uma poesia engajada, que traz em seu discurso uma crítica à realidade que o circunda e que fora construída sob um sistema de opressão e anulação do Outro pelo Mesmo. Sua poesia, como já afirmado, é o testemunho profético que tenta mostrar, não como uma representação ontológica, mas como uma relação ética a voz embargada de dor e de sofrimento emitida pelo Outro que clama a responsabilidade Ética do Mesmo. Que clama a resposta Ética: Eis-me aqui pronunciada e assumida na vida pelo Mesmo, pelo Sujeito. Sua poesia, assim como a Filosofia de Emmanuel Levinas, forma-se centrada no humano humanamente humano em sua dignidade.

Nesse sentido, se a Ética de Emmanuel Levinas, de certa forma, faz uma “Revolução Copernicana” no sentido de construí-la não a partir de um olhar centrado no mesmo e no sujeito, mas sim, um olhar centrado no Outro; a poesia de Patativa do Assaré é essa voz expressa pelo Outro de modo que ao expressá-la assume, também, a responsabilidade profética de falar e trazer em seus versos as dores de seu irmão, do Outrem que também sofre. Eis o caráter profético e, como fala Jean-Paul Sartre, o engajamento poético desse nosso poeta.

Logo, se a Ética é a ciência do Ethos como afirma Lima Vaz, esta deve considerar o Ethos do povo, a cultura, a identidade, o Oikos de fala expressa pelo Outro, dita e vivenciada nas experiências de mais profunda sensibilidade do Outro. E, nesse caso, esse Outro não é uma representação, um conceito ou uma definição elaborada pelo Mesmo, esse Outro é Mistério, mas um Mistério que se mostra na epifania do rosto.

Portanto, podemos afirmar que a poesia de Patativa do Assaré fornece-nos subsídios para se pensar, a partir de seus escritos, e, sobretudo, a partir do *Ethos* de vida versificados pelo autor, uma Ética permeada pelo princípio da responsabilidade pelo outro. Sua poesia não é apenas um discurso de rebeldia e crítica sertaneja frente o sistema opressor vigente; ao estado e uma política oligárquica, paternalista e excludente, mas é, antes de tudo, um discurso no qual fundamenta e elucida os princípios éticos em um compromisso de responsabilidade pelo outro. Uma responsabilidade assumida e vivida na vida e no Ethos do Homem, um saber ético nascido inriba do chão e que flore na relação de responsabilidade com o Outro.

Referências

ALVES, Marcos Alexandre. Levinas e a Fenomenologia: das intenções ao desejo. **PERI**, v. 05, n. 01, p. 01-15, 2013.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá: Filosofia de um trovador nordestino**. Petrópolis: Vozes, 2014.

ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e Fulô**. Fortaleza: Hedra, 2001.

ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração Nordestina: cantos de Patativa**. São Paulo: Hedra, 2003.

BERNARDES, Cláudio T. T. A Ética da totalidade em Emmanuel Lévinas – uma contribuição atual ao discurso da Moral Cristã. **Revista de Cultura Teológica**, v. 20, n. 78, abr./mai. 2012. Disponível em: <http://revista.pucsp.br/index.php/culturateo/Article/view/14447>. Acesso em: 25.out.2019.

BRITO, Antônio Iranildo Alves de. **Patativa do Assaré: porta-voz de um povo: as marcas do Sagrado em sua obra**. São Paulo: Paulus, 2010.

COELHO, Wandenberg de Oliveira. **A Responsabilidade a partir de Emmanuel Lévinas: Dimensão de concretude ética para nosso contexto**. Recife, 2007. 90f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

GONÇALVES, Hegildo Holanda. **A saída do ser [manuscrito] a ética de Emmanuel Lévinas como crítica à Ontologia Clássica**. Fortaleza, 2010. 117f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal do Ceará, 2010.

LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito: Diálogos com Philippe Nemo**. Lisboa: Edições 70, 1982.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

MARTINELLI, Águeda Vieira. A responsabilidade como fundamento da Ética. **Kinesis**, v. VII, n. 15, dez. 2015, p. 271-281.

MARTINS, Rogério Jolins. **Introdução à Lévinas: pensar a Ética no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2014.

MELO; Nélio Vieira de. **A Ética da Alteridade em Emmanuel Lévinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MIRANDA, José Valdinei Albuquerque. Lévinas e a reconstrução da subjetividade ética: aproximações com o campo da educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 57, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v1957/v19n57a10.pdf>. Acesso em: 26.out.2019.

NUVENS, Plácido Cidade. **Patativa e o Universo Fascinante do Sertão**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 1995.

ΟΙΚΟΣ. *In*: PEREIRA; Isidro. **Dicionário Grego-Português e Português-Grego**. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1976.

OLIVEIRA, J.; BORGES, W. **Ética de Gaia: ensaios socioambiental**. São Paulo: Paulus, 2008.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de Oliveira. Os desafios da Ética Contemporânea. **Revista THEMIS**, v. 6, n. 2, 2016.

PAULA, Maria Bernardete Gonçalves de. **Ética e Transcendência: Análise da Intersubjetividade levinasiana**. Fortaleza, 2000. 282f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Estadual do Ceará, 2000.

SANTOS, M.; GUIMARÃES, T. Alteridade, Ética e Linguagem no pensamento de Lévinas. **REU - Revista de Estudos Universitários**, v. 40, n. 2, p. 369-380, 2014. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:E0hPuKJS9r4J:periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/2138+&cd=1&hl=ptBR&ct=clink&gl=br&clint=Firefox-b-d>. Acesso em: 26.out.2020.

SANTOS, Kleber Pereira dos. A Visão Existencialista da criação Literária por Jean-Paul Sartre. **Manuscrita**. São Paulo, n. 13, p. 73-94. jan./2005.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a Literatura?** Petrópolis: Vozes, 2015.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

Artigo recebido em: 16/04/2021.
Artigo aprovado em: 28/04/2021.